

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--17 de Abril--de 1930

57  
L. O. S.  
L. O. S.

4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**204**



sempre  
**five** semanário humorístico

Propriedade  
**RENASÇENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

**DR. CANDIDO CAMPOS**



Este Dr. Campos é caricatura produzida do Dr. Julio Prestes. Abra-me as portas do Castelo com a mesma dedicação com que abre o coração e a bolsa em favor dos portugueses que, estando no Rio, se acham em L...piranga.



## Os ditos da semana



### Os angs do papá

Na semana passada fez anos o papá *Diário de Lisboa* e levou a família a jantar fóra. Foram todos, incluindo o pessoal menor.

Nós, é claro, também fomos, apesar da nossa pouca idade e portamo-nos bem. Não entornamos a sopa na toalha, nem deitamos os caroços de azeitonas no prato do visinho, como se fossemos já pessoa crescida.

Fomos ao Roma e não vimos o papa, mas demos o tempo e o apetite por bem empregados, porque vimos avô Alfredo Vieira Pinto e avô Pedro Bordallo tão bem dispostos que até parecia que ha mais de seis mezes ninguém lhes metia um vale.

É até o Dr. Joaquim Manso, que o leitor, estava mais ale-

O meu patã era soberbo, saltazarteo, sardanapalico; uma canja que era canja e a que nem faltavam os meúdos — homenagem talvez, ao n.º do *Sempre Fixe*; um peixe frito em filêtes, que foi o filê de todos os convivas, acompanhado dum arroz de marisco, que ainda era melhor do que arroz doce, para não falarmos nos escalopes, tão tenros, tão suaves, tão transcendentes que até pareciam escalopes Vieira, vertidos para culinaria portuguesa do nosso tempo, pelo alamado cozinheiro do Roma. Enfim, um banquete de deuses, devorado por íeras... de apetite.

Pois apesar da fartura, ainda houve quem pedisse painço.

### A conferencia Naval

As ultimas noticias annunciavam oficialmente o acordo entre a Inglaterra, a America e o Japão sobre a redução das forças navais.

Exultemos todos, porque foi um grande passo para a paz Universal, mas, pelo sim, pelo não, vamos substituindo os telhades de vidro por blindagens de aço. Mais vale prevenir do que remediar.

### A tuberculose

O quimico jugo-eslavo Margetic anuncia ter descoberto a cura da tuberculose com um famoso preparado de oxidos metalicos e extractos de certas plantas da Abissinia.

Da Abissinia já nós conheciamos o papel que faz cheirar bem o que cheira mal, e agora surge-nos o re-

medio para a tuberculose. Não sabemos bem porque mas, desta vez, não nos cheira, talvez porque já estamos habituados a noticias deste genero, com o competente desmentido dias depois. Oxlá que nos enganemos, para que os tuberculosos não venham a morrer de desilusão e nós não tenhamos de chamar ao quimico jugo eslavovo, um sabio eslavado.

### Paraizo das mulheres

Recortamos do *Diário de Noticias*.

PARIS, 10. — O jornal «L'Intransigeant» publicou hoje um artigo de Ivone Morny intitulado «Femmes portugaises» e subtitulado «Ou l'on voit que le Portugal est le paradis

des maris», onde entre algumas considerações discutiveis e algumas observações superficiais se presta justa ohmenagem ás virtudes da mulher portuguesa.

Patrioticamente lisongeados agradecemos a Ivone Morny as boas referencias, mas não podemos deixar de dizer como aquele conhecido titular, que andava sempre armado de bom humor:

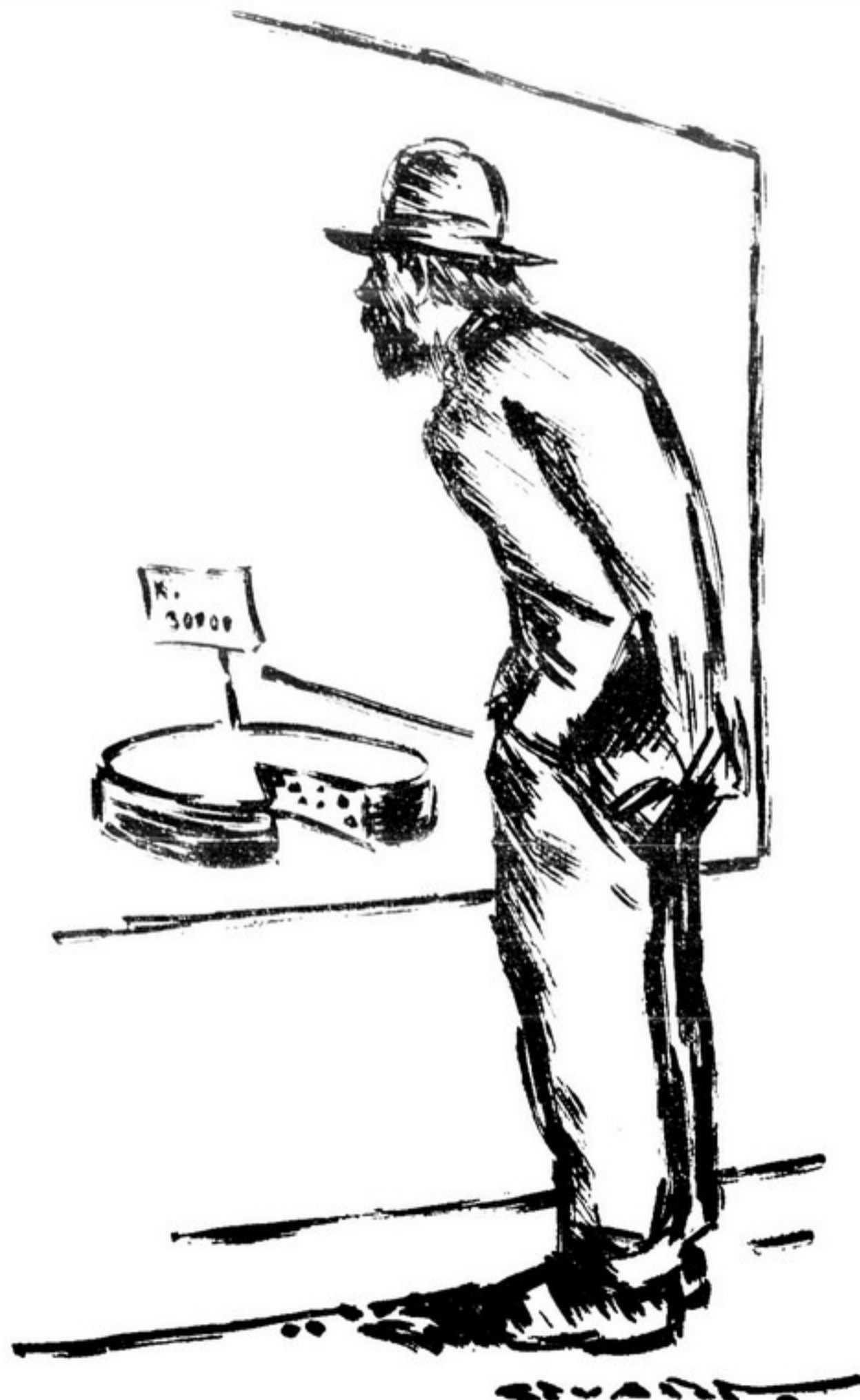
—Tu dizes isso porque sabes nadar...

### Bemvindo

A Dieta Finlandeza, elegeu para a Presidencia da Republica o sr. Kvisis.

Um momento depois a população Finlandeza dizia:

—Eu já te tinha dito Kvisis.



— Não sei como ha quem compre queijo Gruyère se não tem nada de comer. E' tudo buracos!

### Anuncios

Da inexgotavel fonte do *Diário de Noticias*:

50 'I,

COM o capital de cem escudos todas as pessoas activas podem reembolsar rapidamente cento e cinquenta escudos. Carta ao Rocio, 42, ao n.º 482.

E' negocio de tentar. Cem escudos qualquer pessoa tem e vontade de ganhar outros cinquenta tem-na toda a gente. O que talvez não seja facil encontrar é pessoas com o requisito que se pede—activas. Sim, porque para as que o não sejam também os cincoenta escudos aparecem num instante, mesmo sem a apresentação do capital.

### Predio

VENDE-SE, no Bairro America 6 inquilinos, com uma casa abarracada no quintal, rendimento 21.360\$ Preço 145 contos.

E a policia não intervem? Em plena Lisboa, e em pleno seculo XX faz se escravatura—e naturalmente até escravatura branca—com este descarramento? Vende-se assim 6 inquilinos, de mistura com uma casa abarracada, por 145 contos, que é como quem diz á razão de vinte e quatro contos e tal por cabeça? O preço não é mau, mas não justifica uma traficancia que é prohibida por lei.

Se as auctoridades não intervierem e se a pechincha ha-de ser para outro, também nós vamos fazer a nossa oferta, confiados em que o proprietario, nos ha-de conceder um abatimento por se tratar dum lote de seis, que é quasi uma venda por grosso e para revenda.

### A's cervajarias

MAQUINAS niqueladas para fabricar café. (Latoaria), Calçada Santo André, 56.

E esta? Ou nós nos enganamos muito ou, antigamente, era cerveja que se vendia nas cervejarias...

Agora está tudo mudado. Verdade seja que, numa grande cidade do norte ha uma pastelaria, com duas montras, que vende, além de pasteis de nata e rebuçados de ovos, magnificos chinelos de ourelo. Para isso tem as duas montras: uma com os biscoitos e a outra com os chinelos.

# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

PARTIU segunda-feira para o Brasil a companhia L. S.-E. A. Regressou há dias do Porto, onde fez uma temporada brilhante. Não há mesmo memória dum êxito igual. Nem os grandes nomes do nosso teatro jamais alcançaram tão formidável sucesso. Dizem-nos que os lucros líquidos subiram a cerca de trezentos contos! É uma linda cifra. Demais dando-se o caso de se esperar um fracasso — financeiro e até artístico! Num semanário teatral da capital do norte encontramos, numa secção intitulada «Blagues e Verdades» e sob o título «O que alguns artistas pensam mas não dizem», o seguinte, que vem assinado pelo artista-empresário E. A.:

— Príncipe del-Reis não de lá... agora já comê o tremço e até palha comeram se eu quizesse!... Hei de voltar, mas só depois de os vêr novamente rancados comigo. Da mais resultado.

Seja como for, o publico portuense gostou e foi ao Sá... É o fim que tinha em vista o E. A. e foi o fim alcançado.

— O resto é «trêta» — diz-nos aqui do lado um conhecido homem de teatro.

— E «trêta» garbo — responde o visinho.

A «nota da quinzena», da pagina teatral da semana passada do *Diário de Notícias*, versa nas suas trinta linhas o estafado tema do réclame e dos que desdenham dêle, como elemento de propaganda. Começa assim:

«Não desdenheis o réclame, ó vós que escreveis peças de teatro! Sabemos de autores que o desdenhavam; quasi sempre se arrependiam.»

O vós, leitores, que lêstes estas linhas, acreditai na sua veracidade! Acreditai que ha autores que assim pensam, mas acreditai também que ha outros que o pedem, como as creanças pedem *Emulsão de Scott*...

«AMIGO velho» escreve-nos e pede resposta ás seguintes perguntas:

— Quantas festas de homenagem faz por ano o actor N. F.?

— Quantos originaes trará de Paris o revisteiro e homem de teatro L. F.?

— Porque foi que o E. B. não quiz «lavar as mãos» e impingiu ao J. A. essa tarefa?

— Porque deu um «pé de vento» ao publico da *Caninha Verde*?

— Porque razão não trabalha, tendo tido já, pelo menos, tres convites, a actriz P. B.?

— Porque não foram alguns artistas, muito nossos conhecidos, levar a picada no nariz, ao doutor Asuero? Não passariam a representar melhor?

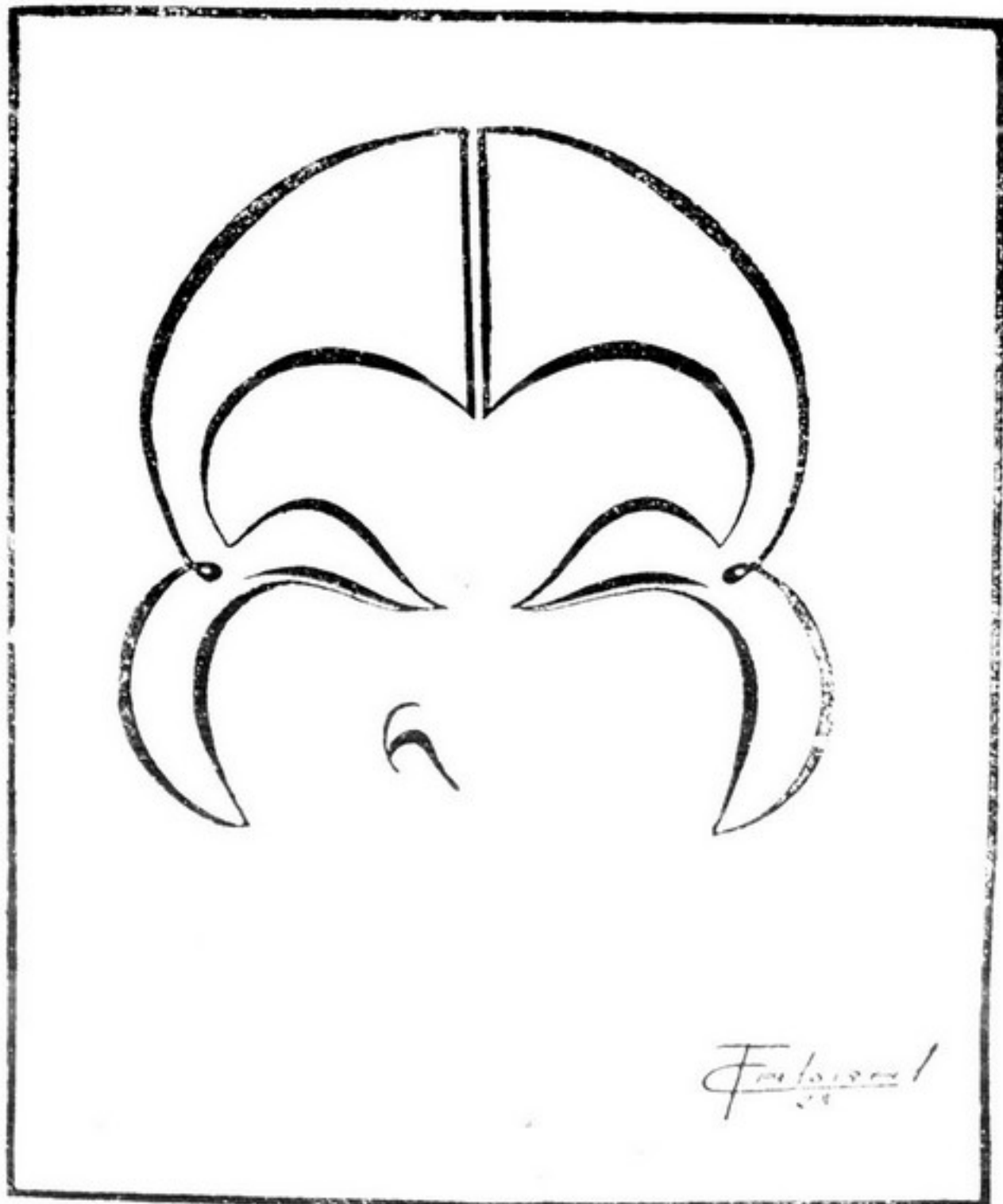
ISTO é certo em Portugal.

Aparece um livro, uma peça ou um artigo assinado por um homem e, se o livro ou a peça ou o artigo saem fóra dos moldes de todos os dias, é vulgar ouvir:

— Isto não é dêle, é da mulher, que é muito intelligente...

Se esse livro, essa peça ou esse artigo fór assinado por uma senhora e se, por qualquer motivo, ta abem alcançam êxito, ouve-se imediatamente dizer:

— «Aquilo» não é deia, está algum homem por detraz... Ela só



ILDA STICHINI — que surge novamente na scena onde ocupa um lugar de primeira plana.

assinou, porque a «ele» lhe não convinha.

Isto é certo em Portugal...

O jornalista tinha fama de ir ao teatro de graça e podia arranjar borlas para os outros... Mas tudo mudou. Hoje, o jornalista é uma vítima dos *benefícios*... Dum conhecemos nós que já lá vão cerca de trezentos escudos este mês em bilhetes que lhe mandam... Tenham dó...

NO T. Ap. vai reinar paz... Só Oliveiras ha lá duas...

LEMOS num jornal o repertorio que a companhia L. S.-E. A. leva ao Brasil. Os titulos dos *vaudevilles* começara quasi todos por pp. Vejamos: *Pé de Salsa, Poço do Bispo, Pão de Ló, Padre Cura e Papa Assorda*...

OS artistas de revista andam numa dubadoura. Saem duma companhia para entrar noutra. Não estão socegados. Ha então alguns que ainda se não estrearam numa e já se sabe que vão para outra...

Estejam quietos...

UM réclame anuncia que a bailarina que vai para a revista *Senhor da Serra* se chama «Made-moiselle Vallée».

É caso para perguntar:

— E o Chevalier não veio?

Lê-se e não se acredita:

«Goraram-se recentemente dois negocios teatraes: um que ligava duas figuras femininas da comedia numa companhia, e outro um grande actor e uma illustre actriz noutra agrupamento. Como sequencia, formaram-se tres *tournees* para a provincia, duas já em digressão e outra prestes a partir.»

### SCENAS DA SCENA

## UMA «TOURNEE»,

Como esta é forte de mais e eu com damas não me meto, vão, apenas, iniciais, á moda de «Retroz Preto». M. A., graciosa artista d'opereta e, creio até de *vaudeville* e revista, partiu um dia em *tournee* mais á sua companhia. Chegada que foi ao Porto, procurou a economia ligada a certo conforto, e foi, portanto, hospedar-se numa modesta pensão. Uma semana a passar-se

e surge a conta, p'la mão dum dos creados de mesa. Timidamente, ela olha e sente a maior surpresa quando chega ao fim da folha!... Chama o creado, a correr, e ao vê-lo, branca de morte, grita-lhe com alvoroço, deixando-o como sandeu? — «Faz favor de lá dizer p'ra cortarem o Transporte porque, quem pagou ao moço que trouxe as malas, fui eu!...»

SILVA TAVARES.

Goraram-se dois negocios... e como sequencia appareceram tres companhias... Nesta proporção, onde irá parar o teatro daqui a tempo?

O fado, que ha anos tinha invadido o teatro de revista, começa agora a penetrar nas cervejarias e restaurantes. Os anuncios não falam noutra coisa. Canta-se o fado a cada esquina. Em todos os cantos se encontram cultivadores...

Nos, que somos dos que gostamos da chamada «canção nacional», tememos pelo seu futuro, tão grande é actualmente a sua expansão...

O L. F. foi a Paris ha dias. Uma noticia teatral sobre a sua viagem diz o seguinte:

«A Empresa J. L. encomendou ao escritor L. F. uma revista que vai ser representada no T. da T. nos meses de Junho e Julho, com uma nova organização, que será a mesma da *tournee* H. L. ao Brasil. Aquelle escritor partiu ontem para Paris, incumbido por aquelle empresario de contratar, para este organismo, um grupo de *girls* inglesas, uma *parelha* de bailarinos de grande classe e um numero de grande atracción, completa novidade em Lisboa.»

Pobre L. F.! Quantas malas serão necessarias para trazer tão grande encomenda. *Girls* inglesas (*girls* francesas não conhecemos), *parelha* de bailarinos e ainda um numero de novidade... e tudo isto para o Trindade...

Deve chegar ao Rossio mais magro e mais carregado de ideias para a revista...

E se fossemos esperar o L. F.?

SABEM quantas companhias estão organizadas e a funcionar em terras portuguezas: nada menos de 18, fora os pequenos grupos de artistas isolados que percorrem a provincia, as ilhas e as Africaes.

Achamos companhias a mais e organizações a menos.

O que fica em Lisboa: duas companhias de comedia e cinco de revista.

O que seria para desejar? Damos a palavra a um considerado critico teatral:

«Tres companhias de declinação, tres de revista e uma de opereta são o bastante. Mas vá lá a gente, que não tem interesse material de especie nenhuma ligada ao teatro, convence-os disto!...

Como quer que seja, empresarios e actores precisam de pensar nisto a sério.»

Era, realmente, o que comportava o nosso acanhado meio teatral, já tão prejudicado pela invasão do cinema.

Era no que deveriam pensar os organizadores de companhias teatraes e os empresarios que ainda hoje dispõem de nucleos de artistas. Não brinquem com o fogo, que o fogo está alastrando... e depois já não ha agua que o consiga extinguir.

O HOMEM DAS 5 HORAS.

# Um conto suíço

O «expresso» de França entrou pouco depois das nove horas da noite na gare monumental de Montevix—o centro mais famoso do turismo da Suíça do Norte. A montanha enroupada de neve que muralhava o horizonte refletia sob o clarão de magnésio do luar, como uma gigantesca salta de prata encostada ao céu e iluminada por um monstruoso arco-voltaico. E a serpente negra do comboio, rodando rápida, a caminho da estação, projectava sobre a montanha a sombra inquieta de um monstro anti-diluviano.

Entre as tribus cosmopolitas que desceram do «expresso»—indeses pennaltas, americanas girafecas, novos-ricos da America do Sul, ruidosos espanhóis, minuscúlos japoneses, misteriosos hindus, exibindo uma elegância londrina encoberta por um turbante de rajah—santificava-se um indivíduo magro, modesto no vestir, aparentando ser, através da gabardine ligeiramente encardida, dos punhos voltados do avesso, segundo as melhores regras de economia, e do chapéu mole de bastante uso e das luvas descoloridas—um caixeiro viajante. A pasta que ele sobraçava e que devia ser uma reliquia de família, pela sua antiguidade evidente, mal confirmava esta hipótese.

Em Montevix existem dois hotéis: o «Montevix-Palace»—babilónico, magnífico, recheado dos mais fôcos e civilizados confortos, preferido pelos turistas pretenciosos e tão afamado pelas suas grandiosidades como pelas existências dos seus hóspedes—e o «Hotel Bristol»—mais pensão do que hotel, refúgio dos viajantes económicos, modestos ou avarentos.

Todos os que repararam na chegada do hipotético caixeiro viajante não hesitaram a profetisar qual seria a sua escolha. Era um hóspede tipo do Hotel Bristol. E tanto assim que o secretor deste hotel imediatamente se lhe dirigiu a pedir-lhe a mala e a pasta e a indicar-lhe o caminho.

— Não se incomode— respondeu o recém-chegado— Eu vou para o Palace ...

A surpresa do secretor do Bristol foi genuína: a dos porteiros, chassecos e cridos do Palace, ao verem entrar tão modesto cliente. Este declarou que estava cansado da viagem, que não queria carregar a mala e a pasta e que precisava que o acordassem até à manhã. Mas quem tivesse o direito de poder radiografar as pa-

Todos os que repararam na chegado do hipotético caixeiro viajante, em vez de se deitar, se sentara numa cadeira, frente ao relógio, e com um sorriso estranho deixou correr o tempo até os porteiros se sobreporem na meia noite. Ergueu-se então, abriu a mala, retirou dela um maillot e um capuz negro, que a polícia internacional chama «fato à Fantomas», envergou-o, calçou umas luvas igualmente escuras, pegou num mólho de pinças e gazuas e numa lanterna eléctrica e saiu para o corredor deserto e cujas trevas eram apenas feridas pelas vagas gotas sangrentas de duas ou três *redouces*...

Duas horas depois, regressava aos seus aposentos, espalhando sobre o leito punhado de joias—aneis, brincos, alfinetes de gravata, broches, pulseiras—e varias carteiras quasi bojudas, de cheias que estavam...

Na manhã seguinte, quando o acordaram, o falso caixeiro viajante pediu um copo de leite e a conta.

— Parte hoje?— indagou o criado.

— Sim, Parte às dez horas, no *rapiao* de Berlim...

Bebido o leite, desdobrou a conta e vendo o montante, esfregou os olhos atentadamente. Será sonho ou realidade? Era lá possível! Por uma dormida e um copo de leite— quarenta francos! Noventa francos suíços, quarenta francos ouro—o equivalente a cento e tal—e muitos!—esudou! Não! Não podia ser... Chamou o gerente—e o gerente acudiu logo, atencioso e sorridente, a desfazer-se em salamaes que ridiculos. E depois de escutar a reclamação do hóspede, esclareceu:

— Aparentemente, V. Ex.ª tem razão... Mas é do regulamento do hotel não se aceitar dormidas. Por isso, quem dorme só uma noite paga a pensão de um dia, como se tomasse as duas refeições.

Ante esta explicação, o hóspede não teve coragem para insistir no protesto. Mas como não estava resolvido a ceder, indagou:

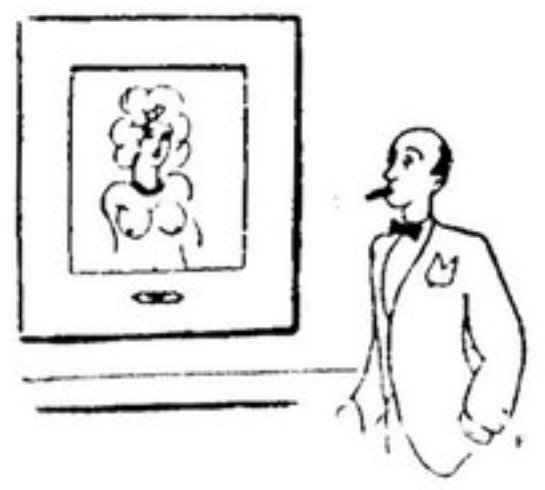
— Mas não é isso, sr. gerente... O que eu queria saber era se o senhor não faz desconto a um colega...

— Ah! Mi perdoo! Desconto... Eu não sabia... Nesse caso, o meu caro colega também é hoteleiro?...

— Não, senhor. Não sou hoteleiro— mas como também sou ladrão, julgo-me no direito de pedir ao meu caro colega um desconto...

X.

# “Independentes”



— Porque não chamarão antes a isto «dos pendentos»?!

# Homem apaixonado

«Soirée» mandana. Alguns pares dançam um tango. Rodrigues, um homem já pesado de anos, e Alvaro, um moço de vinte e quatro primaveras, estão a um canto da sala.

Alvaro (em êxtase): — Oh! Mas que encantadora mulher!

Rodrigues (que olha para Alvaro e descobre o motivo da sua admiração): — O prazer dos olhos é um prazer superior, não é verdade? É igual ao prazer das pernas quando dançam. Não concorda?

Alvaro: — Para algumas pessoas, sim. Para mim, não—que não sei dançar.

Rodrigues: — Mas... diga-me: é a dança ou a pessoa que dança que vos causa admiração?

Alvaro: — As duas. Juro-lhe que ser o par daquela loura seria para mim um prazer extraordinário! Como ela é linda!

Rodrigues: — Sim... Sim... Mas é uma beleza no outono.

Alvaro: — Seja! Mas vale bem mais que a primavera. Aquela elegância...

Rodrigues: — Não é bem assim. O que ela se defende é muito bem.

Alvaro: — Repare na cor dos cabelos, nos dentes...

Rodrigues: — Agua oxigenada, meu caro...

Alvaro: — O seu scepticismo é grande, pelo que vejo... Mas olho aquela boca deliciosa, aquelas pernas, aqueles braços...

Rodrigues: — Pois sim... Pois sim. O senhor é muito novo. Tudo aquilo que ali vê é mentira. É possível até que aquela mulher, parecendo um anjo, seja em determinadas alturas uma pessoa violenta, vingativa, mediocrementemente inteligente. Uma feia, enfim...

Alvaro: — Eu acho é que o senhor está sendo inconveniente e sendo em demasia nas suas apreciações sobre aquela senhora. Suponha que o marido dessa senhora o ouvia!... Que diria dessas opiniões?

Rodrigues: — Que elas são bastante judiciosas.

Alvaro (exasperado): — Tome cuidado como fala.

Rodrigues: — Como assim?

Alvaro: — Eu sou um cavalheiro e não lhe consinto que fale dessa maneira sobre uma senhora...

Rodrigues: — Ora deixe-se disso... Aquela mulher...

Alvaro: — Aquela mulher...

Rodrigues: — É a minha!...



— Hostes, de tirar umas pedras como as suas mães.  
— Tem tempo de as tirar quando estiverem...

# Contos da Glória

Um dia, quando um sujeito que passa de noite numa rua solitária...

— Desce a carteira, para salvar uma vida inocente!...

— Lá, com franqueza, não hesitei a dar a vida pela inocência...

Não é o crime, mas a sua...

\*\*\*

— Não se lembra muito bem quando sua mulher fugiu?

— Nem por isso.

— Porquê?— perguntou então os três caros mais de cinco leguas?

— Tive medo que eles se arrepiassem e voltassem para traz.

\*\*\*

— De todas as plantas que conhecemos qual é a que não tem folhas nem flores?

O «xamandê» depois de meditar...

Viu-lha e— por...

\*\*\*

— A quem se vai contar o um dos pecados dos mortos?

O crente triste: — He a sept. dentro do qual vibram algumas mesetas, ali caídas por descuido.

— Criado, observe o inclinação da outra vez, voce serve moscas aparte, que mim que creio...

\*\*\*

— Na cidade...

Nunca embarques na ultima carruagem.

Porquê?

Porque, quando ha desastres, as carruagens da cauda são as que sofrem mais!

— Então, porque não as suprimir?

\*\*\*

O professor: — O que faz o seu papá?

O aluno: — O que minha mãe manda...

\*\*\*

A patrão: — Somos apenas dois: eu e o meu marido, mas damos muito que fazer!

A nova criada: — A mim o trabalho não me assusta! Em casa de minha mãe tinha que cuidar de oito voças...



GRANDE SEMANARIO PORTUGUES DE CINEMATOGRAFIA





## Fitas faladas

Os fabulistas de outras eras, para darem aos seus leitores a ideia duma época remota, tão remota que a sua memória se perdera já, tinham por habito começar assim suas historias: «No tempo em que os animais falavam...»

Agora, os animais — exceptuando a pèga, o corvo, a arara, o pagão e os oradores de banquetes de homenagem — já não falam. Em compensação, o cinema, que era mudo como um bacalhau à Gomes de Sá, passou a falar pelos cotovelos.

Em Portugal tardou — mas não arrecadou. Os cinéfilos amantes do silencio vão de luto ao enterro do bacalhau, que é como quem diz ao enterro do cinema mudo. Nas soirées parecem que estão velando um cadaver. Já não dizem larachas; a geral já não se manifesta. E quando assobiam ou patelam, é sempre em sinal de sentimento. As matinees, essas parecem autenticos funerais de primeira classe, com os ladeadores da Agencia Magno no lugar para onde hão de ir os altofalantes da Magnavox. O prestito dirige-se, a pé e em cabelo, para o Cemiterio dos Prazeres Cinematograficos. As orquestras executam sentidas marchas funebres. E' o verdadeiro Enterro do Bacalhau...

Tudo isto é profundamente triste para ser tratado numa cronica humoristica. Mas se não aproveitasse a Quaresma para ter estes desabafos, não sei quando os houveramos de ter...

E já agora aproveitamos para falar da agonia do cinema luso-italiano.

Muito a proposito, o Politeama exhibe «Vida e Martirio do São José do Telhado» — na occorrença São Carlos Azedo, martir. O publico tem lá ido em devota peregrinação, e os criticos para remissão dos seus pecados.

O sr. Rino Lupo só tem uma atenuante: é incapaz de dizer mal de qualquer filme português que não seja de sua autoria. Mas lá diz o rifão: Quem tem «José dos Telhados» de vidro não atira pedras aos do visinho...

RETARDADOR.

## A verdadeira causa

Sob um arbusco, Adão e Eva conversavam em cecos de amor tão leves como a aragem, do Paraíso em flor, as aves porgeavam nas merdas subitas, em cachos, da ramagem.

Mas Deus, que sempre foi, talvez, um indiscreto, passou, olhou e viu, assustadoramente, a confiança vil do rendez-vous secreto que Eva comedia a Adão, cobertamente!

Ora como em seu peito ardesse, alvoraçado, um forte amor por Eva, um amor de pecado, expulsou-os aos dois, com furia e azedume!

Escusam de inventar historias de serpentes, de cabras magras e lobos innocentes, que não foi nada disso — ou sei! — foi por ciúme!!!

ALEXANDRE BORGES.

## Quereis dinheiro ?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA  
Sempre sortes grandes

## Prosa de Cha-Velho

Quando na primeira tourada desta época vi, no Campo Pequeno, pararem ante o «inteligente» Jorge Cadete os toureiros que faziam as cortezias á nossa maneira, lembrei-me do Carnaval de ha vinte e tantos anos.

E não se zanguem os toureiros, porque eu explico a razão.

Ha bons vinte e tantos anos, morava o Cadete na rua Pascoal de Melo, e depois na rua D. Estefânia, e chegado o domingo de

o «inteligente» Jorge Cadete aquela cegada de que o Fuentes Bejarano era o pinoca...

—Cá está a gente como nos anos anteriores!

E a dança seguiu para a outra porta, frente á porta do cavaleiro...

\* \* \*

Por hoje não brinco mais, e é a sério, muito a sério, que dou um conselho a alguns toureiros: Do



—Nisto de cambios não ha como o meu filho mais velho.  
—E' toureiro?..  
—Não. E' empregado num banco.

Carnaval, surgiam as antigas cegadas, com o classico pinoca que tocava o apito para a paragem ante as janelas do Jorge, disparando esta frase, que tantas vezes ouvi:

«Só Jorze, cá está a gente como nos anos anteriores!»

Depois vinha a versalhada com acompanhamento de guitarra, e depois do Cadete se explicar com algumas rodellas de prata, seguia a dança para outra parte.

Foi por isto, e só por isto, que me lembrei do Carnaval de ha vinte e tantos anos, quando na primeira tourada desta época, no Campo Pequeno, vi parar ante

dinheirinho que ganham, e alguns não é tão pouco como parece, guardem um pouquinho para comprar capotes de tourear que o sejam, e não rodilhas vergonhosas que se enrolam na cara dos touros, descobrindo o vulto, causando a colhida.

Um peão consciencioso deve ter sempre capotes de tela dura, e renová-los quando começam a amolecer e a enrolar-se.

E' um detalhe importantissimo, este do capote que, finda a corrida, se deve dobrar e não enrolar. Isto a sério, muito a sério!

PEREZ LA CHAISE

ASSIM COMO  
O SOL NASCENTE

faz desaparecer as sombras da noite, da mesma forma a Cafiaspirina afugenta os espiritos malignos da dor. Ao enfermo presta alivio e bem estar. As suas excellentes qualidades para combater as dores de cabeça, de dentes e de ouvidos, assim como os incomodos periodicos das Senhoras, jamais foram ultrapassadas.

Alem d'isso, a Cafiaspirina reanima e levanta as forças, sem atacar o coração nem os rins.

CAFIASPIRINA



A venda em todas as farmacias.

## Cartas de amor

de Mariana de Alcabideche

«Meu Rabinho! — Tem esta por fim dizer-te que não acredites no que te foi meter nos ouvidos a danada da minha sogra. E' tudo mentira. Eu não fui a bruxa. Ela é que me desafiou para compor uma vibora a um sapo que fez mexer mesas de pé de galo e tu b'nh'as... é ela que a redita nessas coisas. Ainda na d'as ela me disse que descobriu quem lhe putou a banca do lavatorio, porque lh'o disse um espirito de um detetive.

Beijinhos da tua

Catininha

«Meu querido mausão! — Agora escusas de negar que eu já sei que andas metido com a mulher do homem do burro. Ela é boa mulher e veio dizer-me que tu andas a rondar a porta com más ideias. E' assim que tu pagas o meu amor, meu mausão? Não julgues que eu ando ás cegas. Desde apetele dia que tu não quizesq comer a dobrada, que eu desconfiava que tu andavas com ideias noutra mulher.

O que é que tem a mulher do burro a mais do que eu? Se tu a visses na cozinha! E' uma pitosca, deixa queimar a sopa, e dava-lhe um doce se ela fizesse peisquinhos tão apetitosos como aqueles que eu arranho para ti, meu Rabinho.

Tua, apesar de tudo,

Catininha

«E's um ingrato. Consteptame, á tua espera. Tive no calor, a vér se tu vinhas, um rato peisquinho. Deito ao cão. Preciso muito falar-te. Ontem, um sujeito com cara de dentista veio atraz de mim e disse-me tais coisas que tu não calculas. Fiquet tão danada que fui á janela e, quando o palerma ia a passar, despejei-lhe em cima o jarro do agua. Eu estava doida, não faças caso. Eram nervos, por tu não v'eres. O pior foi que o policia, da espinha, viu tudo. Subiu a escada e ferrou-me uma grande multa. Estou farta de chorar. Se tu ao menos visses animar a tua

Marianinha

«Chiquitinho! — Foi ao medico. Ele diz que eu tenho pouco comigo e deu-me bons conselhos. O meu coração esta cada vez mais um cavallo. Qualquer dia sai fora do peito e vai a galope atraz de ti. Se assim acontecer, o meu desgraçado coração é capaz de ir dar contigo a falar sem a varina. Já me disseram. Não imaginas o que eu passo quando vi que tu cheiravas a poixe. Uma vez tambem tu cheiravas assim e disseste que era dos pes, porque tinhas andado muito. Agora não pega. Tu sempre foste um homem muito lavado. Vê tu as ralagões que tu das á tua

Bichinha de Alcabideche

«Sr. Francisco! — O cavalheiro, faz favor, manda buscar as suas coisas. Está tudo acabado. O canario que me ofereceu fica comigo porque fui eu que sempre lhe dei alpista. Não preciso nada que é sou. O regador está a concertar no funileiro, por isso não lh'o mando. Assim acaba o grande amor que tivemos. Ainda te hei de vér, meu malandro, mais infeliz que a gata finhosa dessa mulher que tu gostas tanto e que parece impossível que nem ao menos te corte as unhas dos pes. Ainda te has de lembrar das minhas meiguices e das vontadinhas todas que eu te fazia

Mariana



— Conheço muito bem esta rua. Até lá vou de olhos fechados. — Mas não será possível ir ao méhos com um aberto?



O que se diz e o que se não deve dizer

# Os desafios do campeonato de Portugal

A primeira mão dos oitavos de final do campeonato português de foot-ball deu todos os resultados esperados, excepto no desafio em que jogava o *championissimo* que empatou com o F. C. Porto.

Ha sustos porque a segunda mão será jogada no Porto. Tolicés...

O team de Belem quando tem um desafio decisivo cresce mais alto que o Afonso de Albuquerque. Até me parece que já estou a ver o Pepe, no dia 27...

\*\*\*

Muito interessante a cronica dos jogos realizados no Porto e publicada no *Diario de Noticias*. Por exemplo, da vitoria do Leça sobre o Espinho diz-se:

— Devemos confessar a nossa surpresa, tanto mais justificada quanto é certo que o Leça conquistou a vitoria sem incorrer no pejo feio que lhe é peculiar e que lhe tem valido sérios reparos e justas censuras.

Mas que diabo de vergonha feia é que os rapazes do Leça costumam fazer. Caretas aos adversarios? Deitam-lhes a lingua de fora? Ou apalpan-lhes as coxas?

E' preciso esclarecer essa coisa.

\*\*\*

Vejamos um bocadinho do «match» Barreirense-Salgueiros:

— Animados com esta proesa, os barreirenses refinaram no dominio territorial e fizeram com que o jogo caísse sobre o terreno contrario.

Ora vejam lá que já nem jogo se pode ser nesta terra. Agora até o fazem cair no terreno adversario! E ter-se-ia magoado muito?

\*\*\*

Mas continuemos a ver o desafio anterior:

— Aos 32 minutos, Botijo perde bom momento de estabelecer o empate, rematando a pouca distancia, isolado, mas para fóra.

— Botijo volta a falhar, rematando por alto aos 39 minutos.

Aos 28 minutos da segunda parte, o Boavista consegue levar a bola para o campo contrario e por lá se conserva durante algum tempo, até que Botijo falhando uma cabeça deixa de marcar o primeiro goal.

Irra! Que isto é um Botijo róto: é um Botijo rachado! Deixa ir tudo por fóra!

\*\*\*

Naquela estrada solitaria, o automovel de Praxedes parou, e resistindo a todos os pedidos e a todas as orações, recusou-se a ir mais longe.

Afinal era o reservatorio de oleo que estava quasi em seco.

A região era deserta. Praxedes

andou durante vinte minutos até encontrar uma casa. Encontrou um velhote solitario que se retirára do Mundo.

Praxedes pediu-lhe azeite.

— Não tenho. Eu cozinho com manteiga.

— Mas, diz Praxedes, qualquer outra coisa serve. Não terá por acaso: oleo de figado de bacalhau?

— Não! felizmente gosto saude.

— E oleo de ricino?

Nesta altura, o velhote olhou para o automobilista palido, empoelrado...

— Parece-me que o senhor está servido e com vantagem.

O velhote desapareceu, voltou e estendeu a Praxedes uma garrafa com limonada de citrato de magnésio.

\*\*\*

Um jornal francês fantasia uma escola onde tambem se dão lições de desporto. E imagina-se a scena seguinte:

O mestre—Menino Pantaleão! Imagine que tem á sua disposição um grupo de dez *sportsmen*. O que é que faz?

O aluno—Um team de foot-ball.

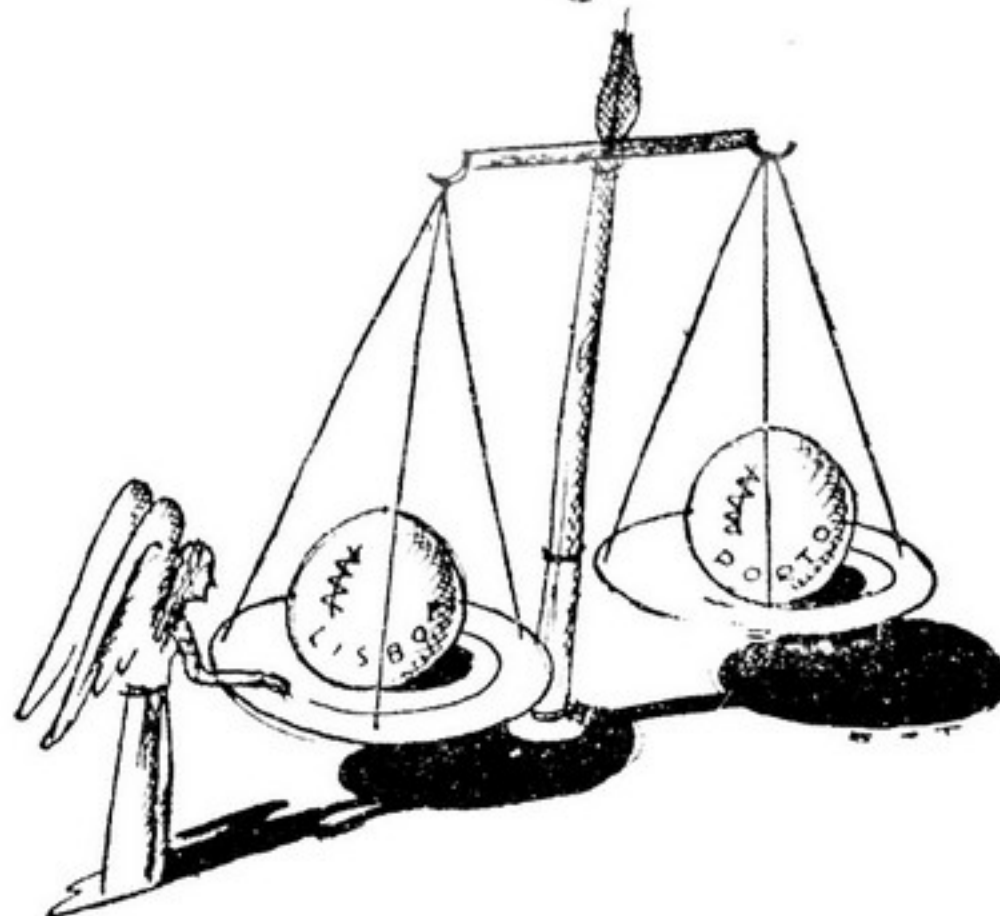
O mestre—Tem um zero. A resposta é ridicula. Menino Fonseca, responda á pergunta. O que é que faz?

Outro aluno—Formamos um club com 1 presidente, 2 vice-presidentes, 1 primeiro secretario, 1 segundo secretario, 1 tesoureiro geral, 1 tesoureiro adjunto, 1 delegado para a imprensa e uma comissão de festas composta dos três membros restantes, dos quais 1 presidente, 1 vice-presidente e 1 secretario.

O mestre—Deixe-me dar-lhe um abraço. O menino compreendeu já a realidade do desporto!

REBOLA-A-BOLA

## SÓ UM PIPAROTESINHO...



E estava o assunto arrumado... mas assim rende mais

## Os oitavistas cantam

**Belenenses:**

Empataste, mas que sorte!  
Nunca ninguem tal supos.

**Porto:**

Vai lá pr'a as terras do norte  
Que a gente dá-te o arrós.

**Bemfica:**

Chegámos-te a roupa ao pêlo,  
Levas duas no cabaz.

**Casa Pia:**

Mas tu verás no Restelo  
Do quanto a malta é capaz.

**Luzitano:**

A' beira do Guadiana,  
O chocolate morreu.

**Carcavelinhos:**

Anda p'ra cá meu parrana,  
Quem ganha depois sou eu.

**União:**

Tnda julgas que é mentira  
A tareia que te del.

**Salgueiros:**

Não contes, que a sorte vira  
E quem ganhara? Não sei.

**Barreirense:**

Apesar da tua vista  
Ser boa, dei-te pançada.

**Boavista:**

Já fui, já fui Boavista,  
Agora não vejo nada.

**Vitoria:**

O nosso jogo ganhei,  
Não sei bem de que maneira.

**Sporting:**

Tu não sabes, pois eu sei!  
Foi co'uma grande leiteira.

**Leça e Espinho em côro:**

Ora agora vences tu,  
Ora agora venço eu,  
Ora agora vences tu,  
Vences tu mais eu.

ZÉ MARIA.



— Que tem a sua filha que está tão amarela?

— Sofre do coração...

— Palpitações?

— Não. Um sargento de cavalaria.

**BERTI AND IRMA, Lda**  
FOTOGRAFADORES  
TEL. T. 96  
LMA CORREIA DO RIO  
L. S. B. O. A.

# ECOS DA SEMANA

FEZ 10 VENTOSAS PRIMAVERAS O NOSSO QUERIDO PAPÁ "DIÁRIO DE LISBOA"



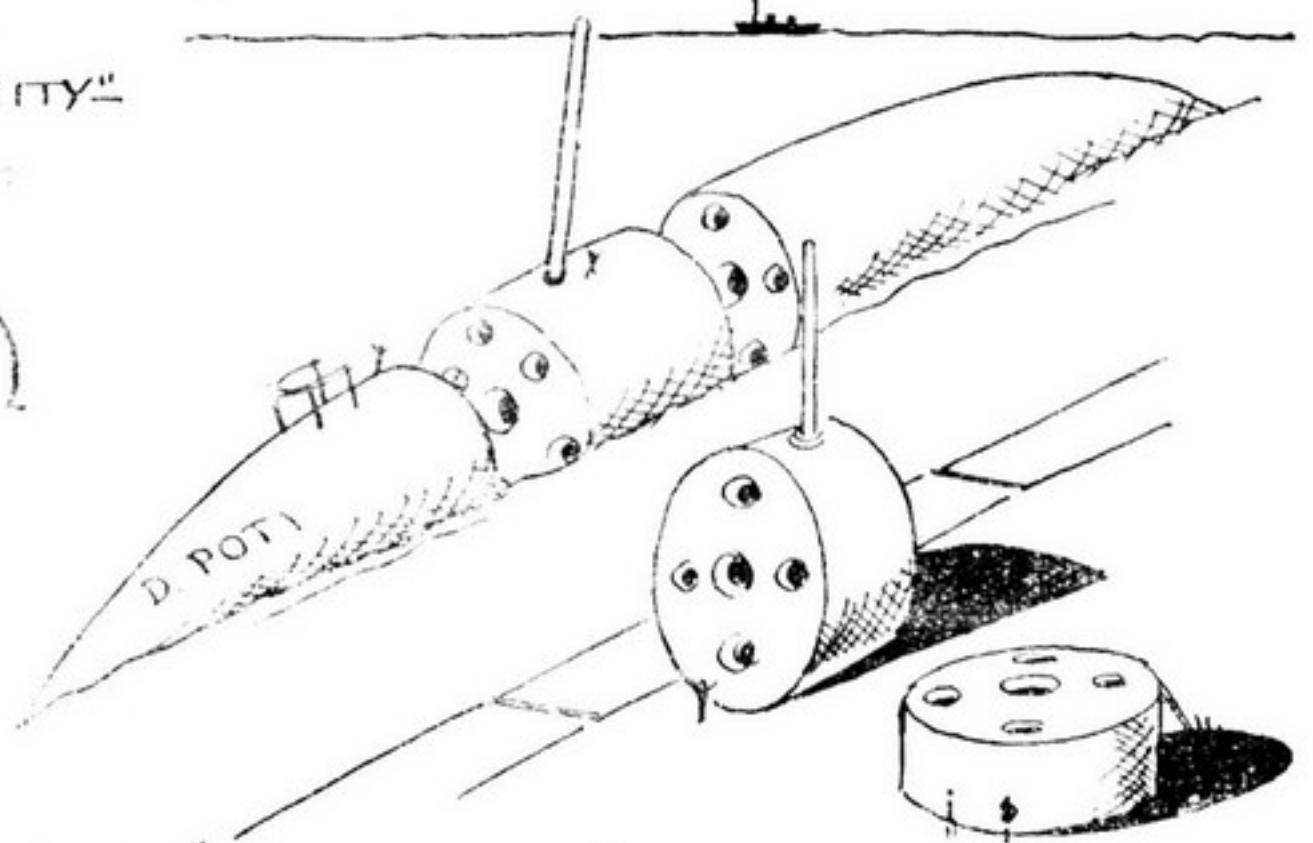
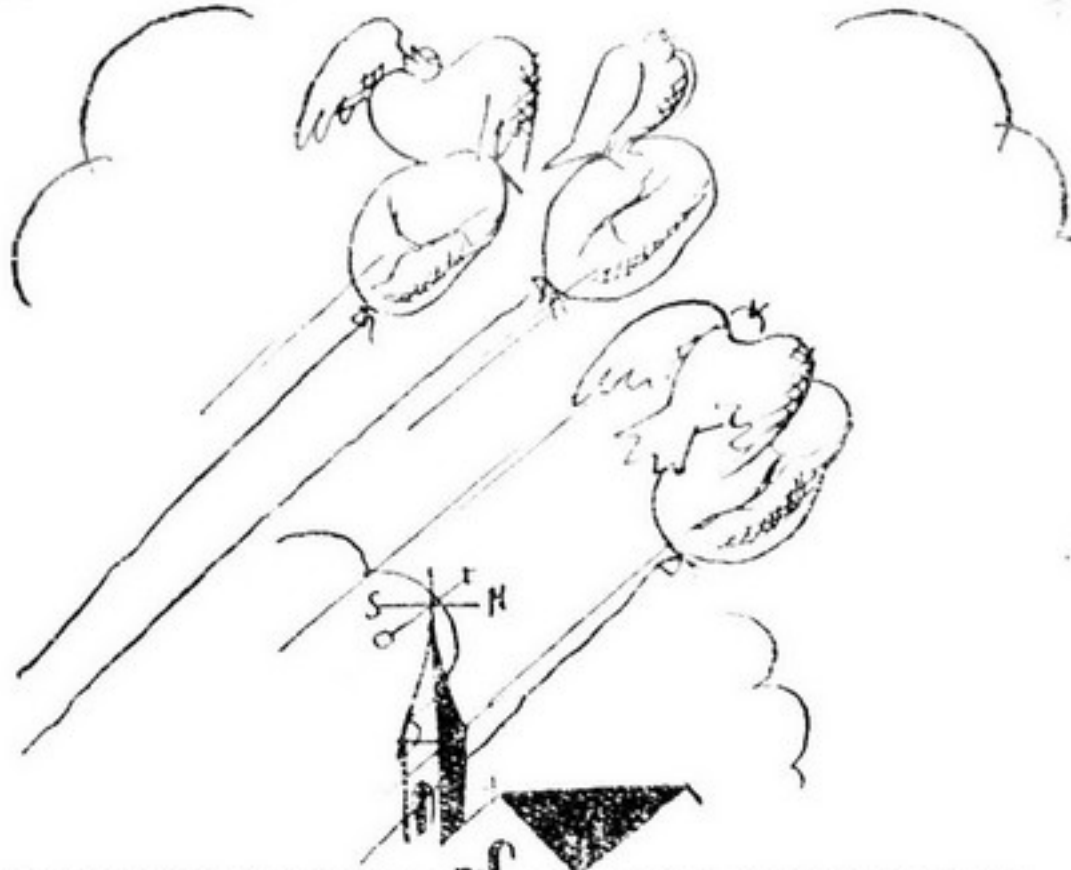
JA' CHEIRA MAL TANTO DOUTOR ASUERO POIS PUDERA, SE NEM LHE DÃO TEMPO PARA WATERCLOSAR



100 M. DE SUBMARINO

SE OS ITALIANOS NOS VENDESSEM UMAS POSTAS DE SUBMARINO NÃO ERA MAU - ÊLES AINDA FICAVAM COM MUITO E A NOSSA ESQUADRA JA' SE REMEDIAVA.

A BORDO DE BEXIGAS DE PORCO PARTICIPAM 2.000 FOMBOS TRIPEIROS PARA A "INVICTA-CITY" - A CHEGADA ARREBENTAM AS BEXIGAS



NO "CAVALEIRO DAS MÃOS IRRISISTIVEIS" MADEMOISELLE FERNANDA CÔRTE REAL FOI DE UM ENCANTO, DE VOZ, IRRISISTIVEL E RUY BERNARDINI RESISTIU AOS RESISTENTES AFRANCOSES

COMEÇOU A SALVAÇÃO DA INDIA POR GANDHI - JA' PRINCIPIOU PELO SAL - EM QUANTO NÃO CHEGA A PIMENTA AOS NARIZES - BEM - AQUI VÊ-SE GANDHI SEGUIR OS JORNAIS.

